Espaço em Revista | 2010

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

WASHINGTON - DC (EUA) CAPITAL DA GEOPOLÍTICA MUNDIAL: relato de um geógrafo brasileiro

Ronaldo da Silva
ronaldogeografia@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo busca analisar Washington – DC (District of Columbia) como capital global da geopolítica sob uma ótica particular: a experiência de um geógrafo brasileiro que teve a oportunidade de lá residir e pesquisar sobre as relações entre Brasília e Washington, no que tange a integração da América do Sul, em 2008 (por sete meses). Assim, passagens descritivas e análises objetivas da posição econômica, militar e estratégica da capital americana no cenário global se misturam com relatos de vivência, ou seja, um diário de campo. Alguns lugares de memória da nação americana, assim como algumas instituições globais como FMI e Banco Mundial, centros de pesquisas (think tanks), universidades e mesmo caminhadas e observações mais subjetivas se misturam nesse texto com análise, narrativa e descrição.
Palavras-chave: Washington DC. Geopolítica. Poder. Relato.

WASHINGTON – DC (USA) CAPITAL OF WORLD GEOPOLITIC: a brazilian geographer's report

Abstract: This article seeks to analyze Washington DC as the global capital of geopolitics in a Brazilian geographer's particular viewpoint who enjoyed the opportunity to live and conduct research in this city. Thus, descriptive passages and objective analysis regarding the economic, military and strategic standing of American capital in the world stage are mixed with reports of my own experience, that is, some field study notes. Some places of American national collective memory as well as global institutions such as IMF and World Bank, think tanks, Universities and even walking notes (subjective observations) are brought together in this article uniting analysis, narrative and description.
Keywords: Washington DC. Geopolític. Power. Report.

Introdução

Este texto não é um artigo acadêmico habitual, que se submete à exposição de teorias, ideias, fatos, teses, análises, confrontação e síntese. É, ao invés disso, um relato de experiência após um período de sete meses de vivência em Washington DC (District of Columbia), capital dos Estados Unidos da América

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

(EUA), proporcionados pela Bolsa *Sandwich* – CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), em 2008.

A capital americana é uma das principais cidades do mundo. Além de seu conhecido poder econômico, político e militar, possui os mais amplos recursos para a pesquisa, em razão das diversas instituições ali sediadas. As universidades, os *think tanks* (centros de pesquisa, estudo e debates), os organismos internacionais e as agências do governo americano proporcionam um "mirante" incomum para a observação, entrevistas e coleta de dados, principalmente nos campos de economia e geopolítica. Logo, seja do ponto de vista acadêmico, pedagógico ou político, Washington DC permite um olhar privilegiado não apenas para a sociedade americana, como também para o mundo.

Além das instituições, outro aspecto determinante da vida na cidade diz respeito ao trânsito de pessoas, oriundas de todas as partes do mundo, que se concentram em Washington DC com o intuito de entender, agir e influenciar o governo e o congresso americano em suas decisões. Assim, diplomatas, chefes de estado, acadêmicos e pensadores reconhecidos globalmente, empresários, agentes financeiros, ongueiros globais e lobistas circulam em Washington DC, fazendo com que os debates, muitos deles abertos ao público, sejam calorosos, iluminados e vibrantes. Outras cidades globais, como São Paulo, Londres, Paris, Tóquio, Hong Kong têm essa atmosfera cosmopolita; no entanto, em Washington DC, os grandes debates têm um sentido de urgência prática, uma vez que as decisões ali tomadas emitem ondas sísmicas para o mundo todo, repercutindo para o bem e/ou para o mal.

O aumento da taxa de juros nos EUA em 1981, pelo *Federal Reserve*, foi, por exemplo, uma das ondas que mergulharam a América Latina no caos da explosão da dívida externa e da inflação, nos anos 1980. Outra decisão polêmica, embora os defensores dos direitos humanos tenham lhe dado créditos positivos, foi

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

a intervenção internacional liderada por Washington na Sérvia, em 1999, culminando com bombardeios durante o governo Clinton. Já a decisão do governo Bush de invadir o Iraque, no ano de 2003, foi desastrosa para as relações internacionais, para a imagem dos EUA no mundo e para a própria autoridade das Nações Unidas. Nesse sentido, é importante salientar que as decisões do governo americano e do Congresso, em Washington DC, são, em geral, acompanhadas por todo o mundo com certa apreensão.

Na mesma linha de José William Vesentini, que cunhou a expressão Brasília como "capital da geopolítica", é possível usar este mesmo termo para Washington DC. No entanto, o sentido difere um pouco, na medida em que as duas cidades capitais cumpriram/cumprem papéis distintos no território dos países que representam, e, do ponto de vista da escala global em que Washington DC atua, sua influência é incomparável. Neste contexto, este artigo propõe-se a apresentar a capital Washington DC de um modo mais geral, focando-se nas instituições de ensino, pesquisa, nos centros/monumentos da memória nacional americana, bem como nos museus. As instituições de exercício da hegemonia global que a cidade abriga como o FMI (Fundo Monetário Internacional), por exemplo, também serão abordadas.

Embora muitas dessas informações possam ser verificadas na internet de forma objetiva, procurarei fazer um relato pessoal das instituições que visitei. Admito que um dos objetivos deste artigo é o de estimular estudantes de graduação, pós-graduação e professores a procurarem estudar/estagiar no exterior, se isso for necessário ou acrescentar à pesquisa, à vivência, à cultura e à formação do pesquisador, independente da cidade ou país de destino.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

Pesquisa de campo em WASHINGTON, DC: observações preliminares

Beneficiado com a Bolsa *Sandwich* da CAPES/PDEE, pelo programa de Pós-Graduação em Geografia, desembarquei em EUA/Washington DC, em 2008, para um estágio de pesquisa de doutoramento. Fui estagiar na *American University*, sob a orientação da geógrafa Carolyn Gallaher, pesquisadora da SIS (*School of International Service)* que se dedica ao estudo de grupos paramilitares e da extrema direita religiosa dos EUA. Meu objetivo, durante esta pesquisa, foi discutir o papel do Brasil na integração sul-americana, visto a partir de Washington DC. A professora informou previamente que seus trabalhos não abordam o Brasil, especificamente; no entanto, ela se interessou pela discussão da geopolítica contemplada no projeto.

Permaneci em Washington DC durante sete meses. Além de estudar na biblioteca da American University, entre outras, fui a várias reuniões públicas em *think tanks* e realizei várias entrevistas sobre temas correlatos ao Brasil, como ator global, integração sul-americana e a visão americana desse processo. Dentre os entrevistados, destaco:

1- Peter Hakin – co-presidente do Think Tank Inter American Dialogue;

2- Thomas Shannon – subsecretário do Departamento de Estado para a América Latina, o mais alto posto diplomático para a região;

3- Jeff Vogt – Relações Públicas de um dos maiores sindicatos de trabalhadores americanos com sede em Washington DC, o AFL (American Federation of Labor) – CIO (Congress of Industrial Organizations);

4- Tary Galvin – da Câmara de Comércio Americana (US Chamber of Commerce), poderosa entidade de interesses patronais das grandes empresas americanas;

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

5- Paulo Sotero – brasileiro radicado em Washington DC há 20 anos e coordenador do Programa de Estudos Brasileiros, no *think tank* Woodrow Wilson Center;

6- Riott Jordan – professor e pesquisador sobre o Brasil e América Latina, no Paul H. Nitze Institute of Advanced International Studies/Johns Hopkins University;

7- Luciano Tanto Clemente – diplomata da embaixada da Argentina;

8- Carlos Morales – diplomata da embaixada da Colômbia;

9- Carlos Henrique Silva – diplomata da embaixada do Brasil;

10- Maurício Mesquista Moreira – economista sênior do Banco Interamericano de Desenvolvimento;

11- Mauro Marcondes – acompanha a IIRSA (Iniciativa para a Integração da Infra-estrutura Sul América do Sul), pelo Banco InterAmericano de Desenvolvimento.

Cidade-Capital: algumas notas

Nas cidades-capitais, em geral, há vários monumentos erguidos à memória nacional, aos grandes feitos, às tragédias, à guerra, o que faz com que todas essas cidades se pareçam no anseio por resgate, preservação, construção e projeção da memória nacional. Nesse sentido, é possível afirmar que Washington DC se assemelha a Brasília, Londres, Paris, Bogotá e outras.

A definição, escolha do sítio/lugar da cidade capital, é parte integral dos conflitos internos entre entes da federação ou regiões, representados por suas elites dirigentes, na disputa pelo privilégio fiscal de sediar uma *urbs* com essa função. É vantajoso para uma determinada região e/ou cidade sediar a capital; no entanto, é dispendiosa para o país a construção de palácios e prédios do governo, bem como a

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

manutenção da enorme burocracia estatal. No caso de Brasília e Washington DC, a luta dentro do pacto federativo é muito grande, pois, por terem sido planejadas e concebidas previamente para cumprirem a função de capital, nestas cidades não houve acúmulo de atividades e funções, que pudessem, ao longo do tempo, gerar um processo de polarização, como sucedeu, por exemplo, com Paris, Londres e Buenos Aires, beneficiadas pelos corpos d'água do Sena, Tâmisa e Prata, respectivamente. E cujas localizações geográficas, graças a um conjunto de elementos contextualizados historicamente na França, Grã-Bretanha e Argentina, as privilegiaram no território de seus Estados. Há casos em que a cidade-capital se define "quase naturalmente", isto é, se impõe ao longo do tempo dada a sua excepcional concentração econômica, localização privilegiada, entre outros fatores locacionais.

Enquanto a fundação de Brasília pressupunha, entre outros objetivos, capturar o interior do país (região do cerrado e a Amazônia), integrar as regiões e o espaço produtivo capitalista e relançar de certa forma o Brasil sobre novas bases econômico-político-geopolíticas, em Washington DC buscava-se equilibrar o pacto federativo, estabelecendo a sede do governo sem privilegiar nenhum dos entes federativos, à época as 13 ex-colônias originais. Quanto ao plano urbanístico, Brasília e Washington DC têm inspiração em Paris e Versailles (a capital americana foi, inclusive, planejada por um engenheiro francês radicado nos EUA, Pierre Charles L'Enfant). Todavia, a Paris que inspirou Washington DC é a da década de 1790, enquanto que a Paris que inspirou Brasília tornou a capital do Brasil única no seu urbanismo, arquitetura e excessos. A primeira sessão do Congresso Americano em Washington DC foi em 1801. A cidade recebeu esse nome em homenagem ao mais proeminente dos país fundadores e primeiro presidente do país, George Washington.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

Washington DC tem parques enormes, avenidas longas, cortando, em alguns pontos, toda a cidade; no sentido leste-oeste, as ruas e avenidas recebem letras, nos sentidos norte-sul recebem números. Algumas das principais avenidas têm nomes de Estados da federação, como a Avenida Pennsylvania que liga o Congresso à Casa Branca, por exemplo. Não há prédios altos como em outras cidades americanas; em geral, as construções possuem até seis andares, pois a ideia é ter ruas claras e arejadas, uma "Paris americana", no dizer de Thomas Jefferson.

A capital americana é monumental no sentido em que Brasília também o é. No entanto, a cidade não foi concebida na era do automóvel. Aliás, uma das maiores críticas feitas a Brasília trata-se de seu caráter essencialmente modernista, cujas ruas exclusivizam a máquina-carro, em detrimento dos pedestres, impedindo, dessa forma, caminhadas agradáveis como ocorre em algumas áreas de Washington DC, como, por exemplo, em Du Pont Circle (no centro da cidade, restaurantes, livrarias, bares e boates), a Adams Morgans (bares, boates, restaurantes), em Washington Mall (museus) e a Georgetown (cidade antiga anterior a Washington DC, casarões coloniais, arquitetura gótica, romanesca).

Em linhas gerais, a cidade, cuja área metropolitana tem cerca de cinco milhões de habitantes, tem aproximadamente setecentos mil residentes, sendo que quatrocentas mil pessoas parte dos subúrbios rumo a Washington DC, em dias úteis de trabalho, elevando a população para mais de milhão de pessoas e fazendo da gigantesca linha de metrô da cidade (oitenta e seis estações e cento setenta e três quilômetros de extensão) uma das mais movimentadas do país, superada apenas pelas de Nova York e Chicago. Essas pessoas que vivem nos subúrbios da capital são trabalhadores, especialmente funcionários públicos, e moram fora do distrito porque os imóveis e aluguéis na capital são caros.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

Os negros compõem mais da metade da população. A cidade tem sido um refúgio histórico para a população negra, desde o período anterior à abolição, pois já havia muito negros libertos em Washington DC, antes da Guerra da Secessão (1861-1865). A Universidade Howard Dean é um reduto tradicional da população negra na capital.

Outro elemento que salta aos olhos em Washington DC é a grande quantidade de estrangeiros virtualmente em todos os lugares, como supermercados, bares, restaurantes, universidades, centros de pesquisa, metrô. É fato que, principalmente por causa das embaixadas, todas as capitais têm considerável número de estrangeiros; sendo assim, a capital americana não foge à regra. Diariamente, cerca de oitenta mil estrangeiros convivem em Washington DC, ou seja, mais de 10% se levarmos em conta apenas a população do distrito federal, sem a área metropolitana.

Além das embaixadas, há ainda muitas instituições que atraem a presença de estrangeiros para Washington DC, como as várias instituições internacionais – o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM), a Organização dos Estados Americanos (OEA), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e várias ongs de alcance mundial – e os *think tanks* que atraem alunos e estagiários estrangeiros, como Brookings Institute, InterAmerican Dialogue e as universidades Georgetown e George Washington.

Por serem protestantes (maioria), os americanos não têm um lugar ou uma cidade religiosa, como Roma/Vaticano e Meca, como centro de gravidade de sua fé. Entretanto, Washington DC tem uma presença mítica no imaginário do povo americano. Em geral, eles esperam fazer, ao menos uma vez, a visita à capital e aos lugares catalizadores da memória nacional. É um traço comum dos povos em relação a visitar suas cidades-capitais. Talvez esta característica seja ainda mais verdadeira para os americanos, dado o orgulho que sentem de seu sistema político,

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

de sua constituição e de seu proeminente *status* como guardiões da economia e da segurança internacional no concerto global dos países, tal como eles se referem a si mesmos, o que reforça o caráter mítico de sua capital e de alguns de seus presidentes. Portanto, ir a Washington DC é de certa forma, contemplar essa obra, essa trajetória vitoriosa e dolorosa, coletivamente. Independente do que pensam os estrangeiros sobre o papel dos EUA no mundo, em Washington DC os americanos contemplam a fundação de seu país, sua trajetória coletiva e, de algum modo, os fundamentos do sistema internacional construído no Pós-Guerra (1945) e no pós-Muro de Berlim (1989), em que os EUA e sua cidade-capital jogaram papel central e do qual ainda são os principais protagonistas.

Lugares da pátria americana: memoriais e museus

Os grandes eventos e personagens da história americana usufruem de lugares de destaque no urbanismo e na arquitetura grandiosa da capital. Esse traço é típico das cidades-capitais, mas, na medida em que os EUA tornaram-se superpotência e participaram de várias guerras, a monumentalidade das edificações e os lugares-de-memória na capital foram se tornando excepcionais. Esses monumentos em Washington estão plenamente de acordo com a enorme capacidade tecnológica e financeira da nação mais rica do mundo, nos últimos cem anos. Capitais mais antigas, como Pequim, Roma, Londres e Paris, têm monumentos antiquíssimos e grandiosos que refletem séculos de trabalho, glórias e sofrimentos coletivos do passado. Alguns estão em pleno vigor, como a Abadia de Westminster, em Londres, e a Catedral Notre Dame, em Paris; outros em ruína, como o Coliseu, em Roma. Dada a jovialidade do país, da capital e a sua recente (em termos históricos) condição de grande potência, os monumentos em Washington DC transmitem vigor e vivacidade. Washington DC, pelo poder global que desfruta, lembra uma Roma contemporânea, como se constata na figura 1.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

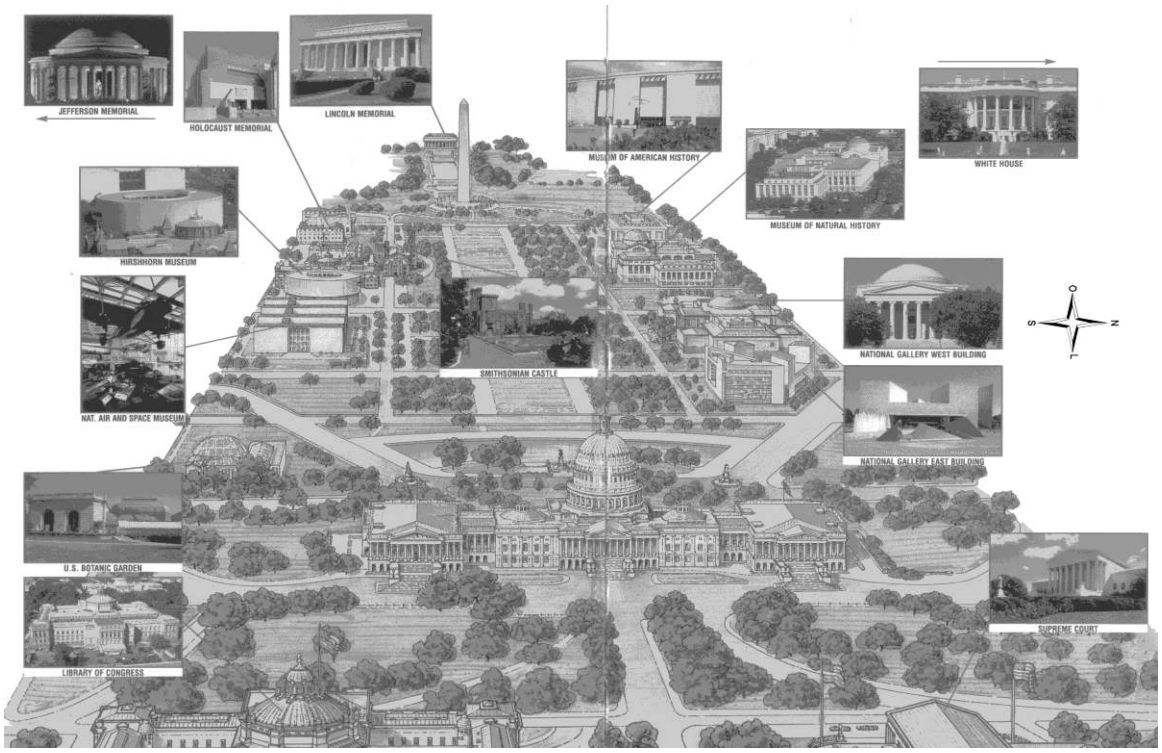

Figura 1: Esboço do National Mall: museus, memoriais e prédios públicos de Washington DC (EUA).
Fonte: Werner, J. B. Washington DC Souvenir book, Washington: LB Prince, 1997.

A área mostrada nesse esboço, especificamente seu centro, é conhecida como *National Mall,* entre o Congresso (leste) e o obelisco (oeste). Nos dois lados da esplanada, está situado o maior complexo museológico do mundo, com dezenove museus dedicados à arte, ciência e tecnologia, história social e natural, enfim, à cultura nas suas mais diversas manifestações. O mais interessante é o acesso gratuito ao seu interior e acervo. O Smithsonian Institute, provedor dos museus, é mantido com verbas federais e doações. Junto aos museus, há também nove centros de pesquisa. O total de visitantes neste complexo museológico, no ano de 2008, teria chegado a vinte e cinco milhões de pessoas, segundo o Smithsonian Institute website. Além desses museus públicos e gratuitos, há ainda outros museus privados fora do National Mall, igualmente interessantes em Washington DC, cuja

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

entrada é paga, como, por exemplo, o museu da notícia (News Museum), o Museu do Holocausto (Holocaust Museum) e o Museu da Espionagem (Spy Museum). Vale lembrar também que esta área entre o Lincoln Memorial e o Congresso é o espaço onde o povo americano celebra suas grandes vitórias e dores cívicas, como também realiza os maiores protestos políticos. No sentido político e cívico, esta área se equipara à Place de La Concorde em Paris, Trafalgar Square em Londres e à Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes em Brasília.

Durante minha permanência na cidade, tive a oportunidade de visitar três museus no Smithsonian: o Museu de História Natural, o Museu Aeroespacial e o Castelo (responsável pela administração do complexo). O Museu de História Natural é pedagogicamente organizado para narrar, ilustrar e demonstrar, com o seu enorme acervo, a evolução e a diversidade da vida na terra. Por sua vez, o Museu Aeroespacial relata, com suas máquinas, toda a história da aviação e, de modo especial, a Segunda Guerra Mundial, a disputa entre americanos e soviéticos na construção de foguetes e a conquista do espaço. Fascinante!

"Os outros museus constituem seus acervos com doações e aquisições, nós construímos o nosso roubando." Esta era a peça publicitária do Museu da Espionagem, extremamente convidativa e instigante, que estava estampada nas estações de metrô em Washington DC, em 2008. Esse museu conta a história da espionagem passando pelo Império Chinês, o Cardeal Richelieu, a Gestapo (polícia secreta nazista) e, de modo especial, cobre a luta de décadas entre as agências espiãs americana CIA e a KGB, por meio das várias histórias, máquinas e objetos dos espiões.

Já as imagens e testemunhos fortes, entre os quais roupas, sapatos e vagões de trem, trazidos do período do nazismo pelo Museu do Holocausto, fazem da visita um aprendizado imenso sobre os extremos da ação humana. É uma visita emocionalmente difícil de ser feita. Por sua vez, o museu da notícia, além de trazer a

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

capa do dia de vários jornais publicados em vários países do mundo, para o deleite e encanto dos visitantes, tem no acervo momentos ricos e definitivos da notícia, como, por exemplo, uma guarita de posto de controle do Muro de Berlim e uma antena de transmissão, que ficava no topo de uma das torres do World Trade Center, em Nova York, até o fatídico 11 de setembro de 2001. O terraço do museu também permite uma visão privilegiada de Washington DC, do National Mall, da Casa Branca.

O Obelisco, conhecido como Washington Monument em homenagem ao primeiro presidente americano, com seus cento e sessenta e nove metros de altura, pode ser visto de vários pontos da cidade. Começou a ser construído em 1848 e foi inaugurado em 1888; por um curto período de tempo, foi a edificação mais alta do mundo, até a conclusão da Torre Eiffel, em Paris. De elevador, pode-se chegar ao topo do obelisco, de onde é possível ter a melhor vista de Washington DC em todos os ângulos: a Casa Branca, os prédios das Secretarias de Tesouro e Comércio, o prédio do Congresso Americano (Capitol Hill), os Memoriais Lincoln, Jefferson e Roosevelt, a Catedral Nacional bem distante dos demais monumentos, o Rio Potomac que banha a capital e também o espelho d'água que leva ao Lincoln Memorial, no qual o próprio obelisco é refletido formando um conjunto belíssimo.

Os monumentos em Washington DC invocam a grandeza (valor) do país e de seus homens públicos (políticos e patriarcas da nação) e também de seus soldados, que pagaram o mais alto preço pelo triunfo, a glória e os valores representados pelo país. Ao mesmo tempo, estes monumentos revivem, em sua arquitetura, a grandeza, a sabedoria e arte dos gregos e romanos. Os memoriais Abraham Lincon, Thomas Jefferson e a Suprema Corte de Justiça lembram os clássicos gregos e romanos; já a Biblioteca do Congresso (Library of Congress) relembra o renascimento francês; e o obelisco dedicado ao primeiro presidente, remete aos egípcios.

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

O Washington Monument localiza-se, praticamente, no centro da esplanada conhecida como National Mall, de frente para o Congresso e próximo à Casa Branca. Há um grande espelho d'água artificial entre o monumento e o templo em homenagem ao presidente Abraham Lincoln. Trinta e seis colunas de cem pés de altura, representando o número de estados americanos na época do governo de Lincoln, sustentam o templo/memorial. Há também uma enorme estátua, com dezenove pés de altura, representando Lincoln sentado. Na imagem seguinte mostrando o National Mall, entre o Congresso e o Lincoln Memorial, é possível compreender o plano de L'Enfant para a capital americana inspirada em Versalhes. As ruas e avenidas convergem para o Congresso, e este se posiciona, como o sol, em uma colina. Após tomar posse no Congresso, o presidente americano se dirige, normalmente de carro, até a Casa Branca pela Avenida Pennsylvania. O atual presidente Barack Obama e a primeira dama Michele fizeram este percurso a pé para júbilo do público (2009).

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

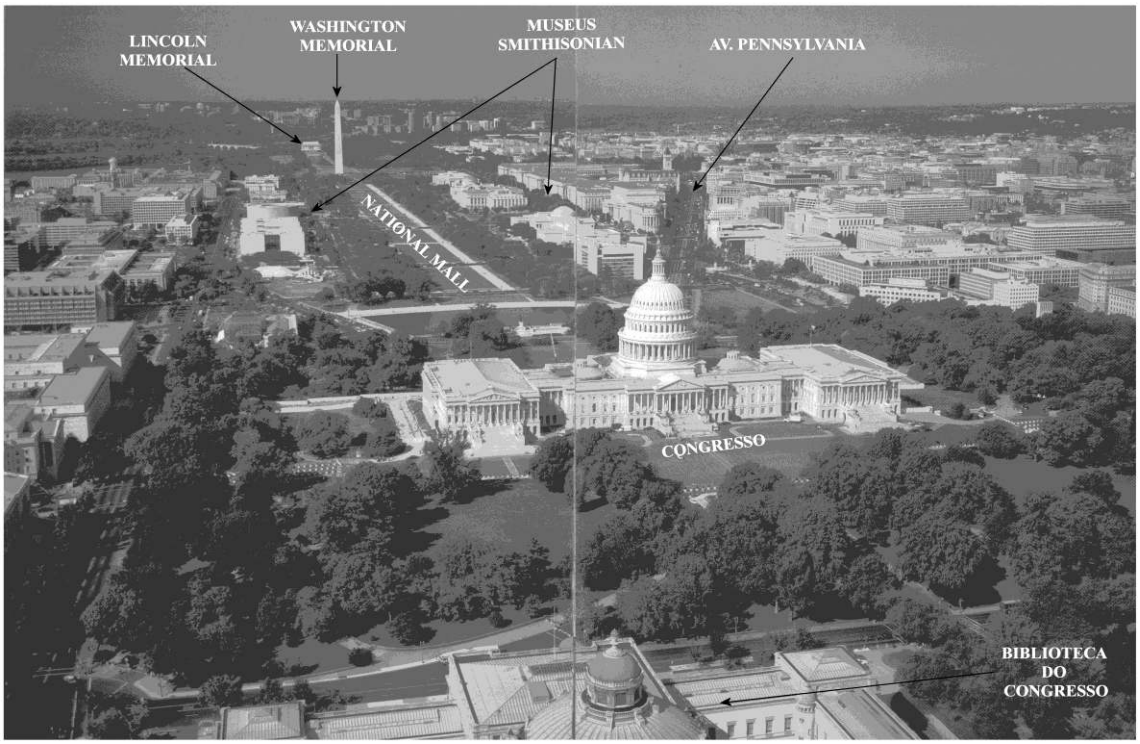

Figura 2: Vista parcial do National Mall em Washington DC (EUA).
Fonte: Werner, J. B. Washington DC Souvenir book, Washington: LB Prince, 1997.

A população negra americana tem uma relação especialmente afetiva com o Lincoln Memorial, fazendo dele cenário para as grandes manifestações civis e políticas dos EUA, por exemplo, a marcha pelos direitos civis dos negros em 1963, em que Martin Luther King fez o seu memorável discurso: “Eu tenho um sonho...”. Por ter abolido a escravidão, vencido a guerra unificando o país novamente (1861-1865), e ter sido assassinado no teatro Ford por um sulista escravista, Abraham Lincoln tornou-se o mais aclamado e biografado presidente do país.

O Jefferson Memorial é também uma edificação belíssima às margens do Rio Potomac. Uma escadaria leva ao templo com colunas gigantes, e lá no centro dele, no meio do domo, está uma imponente estátua de bronze do terceiro presidente dos Estados Unidos (1801-1809). Jefferson, político, filósofo e estadista,

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

é autor de algumas das mais belas e interessantes passagens sobre a liberdade política e religiosa entre os homens. Algumas dessas passagens estão no seu memorial e, paradoxalmente, esse político e filósofo viveu, até o fim dos seus dias, servido por mais de uma centena de escravos em sua fazenda.

A Biblioteca do Congresso (maior biblioteca do mundo) é composta por três edifícios interligados por túneis subterrâneos que atravessam a rua, conectando os distintos edifícios. O prédio central é o imponente edifício Thomas Jefferson, inspirado na renascença francesa e localiza-se atrás do Congresso. É um templo do saber que chega a intimidar o visitante pela sua grandiosidade, beleza arquitetônica, mobiliário, além do riquíssimo acervo. Logo na entrada, para surpreender o visitante, encontra-se um dos poucos exemplares existentes da primeira edição da bíblia de Gutenberg. Já o edifício da Suprema Corte de Justiça, ao lado da biblioteca, com sua escadaria, colunas e estátuas no topo da fachada, é o que melhor remete o transeunte a um templo grego, que tem o mármore como o componente básico da edificação. Suas colunas roubam a atenção de longe.

Contrastando com estes monumentos, está a Casa Branca que, vista por fora, é bastante sóbria e menor do que a televisão convida a acreditar. Diferentemente de muitos governos sediados em palácios luxuosos vistos na Europa e em muitos países pobres, a Casa Branca, símbolo maior do poder presidencial americano, evoca a simplicidade, a sobriedade e até a família. Costuma-se dizer que a Casa Branca, em sua sobriedade, lembra sempre ao mandatário que o poder emana do povo e que o governante precisa se curvar a essa realidade. Nesse sentido, a casa, ao invés de um palácio, seria uma mensagem pedagógica em termos de política democrática e servidão ao povo. No Roosevelt Memorial, próximo ao Lincoln Memorial, há uma frase do presidente Franklin Delano Roosevelt: “I never forget that I live in a house owned by all the American people and that I have been

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

given their trust" .(*"Eu nunca esqueço que moro em uma casa pertencente a todo o povo americano que depositou em mim a sua confiança"*).

Por fim, é importante salientar que a guerra tem sido um aspecto determinante na trajetória americana. O país vivenciou duas guerras internas: a Guerra da Independência contra os ingleses (1775- 1783), que fez nascer o país, e a Guerra da Secessão (1861-1865), pela liberdade, contra a escravidão negra e também pela manutenção do país unido sem divisão da federação. Após essas, outras guerras externas se seguiram. A guerra contra a Espanha, em 1898, e as Primeira e Segunda Guerras Mundiais, respectivamente 1914 e 1939, marcaram a caminhada americana rumo à ascensão como potência global.

As Guerras da Coréia e do Vietnã marcaram a luta contra o comunismo e pela democracia, de acordo com a visão dos americanos. A Guerra do Vietnã, marcada pelos excessos da potência imperial em nome da democracia, foi derrotada em duas frentes: uma pela resistência do povo vietnamita, outra pela resistência do povo americano nas ruas de Washington DC, Nova York, Chicago, e muitas outras cidades, contra a guerra, a mentira e o cinismo político.

Já a Guerra do Afeganistão, em 2001, no princípio pôde ser caracterizada como autodefesa, mas os desdobramentos desse conflito poderão manchar de novo o longo currículo de guerras lideradas por Washington DC. A Guerra do Iraque em 1991 é questionável, como todas as guerras o são, mas foi deflagrada por uma coalizão internacional, em face de um Iraque que tomou a iniciativa de agressão contra o Kuwait.

A guerra contra a Sérvia, em 1999, liderada pelos EUA diante do vacilo europeu em face ao genocídio foi, até certo ponto, saudada mundo afora pela defesa dos direitos humanos. Por outro lado, a segunda Guerra do Iraque já nasceu manchada pela mentira na motivação, em que falsas afirmações e acusações foram lançadas contra o país que, supostamente, adquiria armas de destruição em massa

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

e teria laços com Al Qaeda. A imagem dos EUA no mundo foi muito atingida por essa iniciativa de George Bush.

Houve muitas outras guerras e golpes contra governos legítimos eleitos pelo povo apoiados por Washington DC ao longo do século XX, como na América Latina nas décadas de 1960 e 1970. À Segunda Guerra Mundial, à Guerra da Coréia e à Guerra do Vietnã foram dedicados os mais comoventes memorais, dentre os tantos conflitos que o país participou. Nestes memoriais, os americanos podem contemplar a grandeza e a justeza de sua intervenção e alto preço pago por eles, como na Segunda Guerra Mundial, e em outros momentos menos nobres para o país, mas muito nobres para as famílias (independente do julgamento da história e dos erros cometidos pelos líderes da pátria), como o memorial do Vietnã. A indagação que fica, hoje, são os possíveis memoriais do futuro para as guerras do presente, Afeganistão e Iraque, cujo desenlace não se conhece por ora.

Geopolítica e Geoeconomia: todos os caminhos levam à Washington, DC

Quando, no último quartel do século XIX, os EUA chegaram à condição de potência mundial, equiparando-se aos europeus, Washington DC encontrou Londres, como principal centro financeiro e geopolítico, e Paris, como capital da alta cultura e importante centro de decisões. A ascensão da Alemanha e do Japão também promoveu Berlim e Tóquio, a última, mais ligada ao extremo oriente e à Ásia, em geral. Essa situação de intercâmbio conflitivo e cooperativo entre estas cidades-capitais durou até 1939. Entre 1939 e 1945, o jogo decisivo para a vitória na Segunda Guerra é feito por Washington DC, Londres e Moscou. Mas o desenho do mundo pós-guerra é feito quase que exclusivamente por Washington DC e Moscou.

Com metade da produção industrial do mundo, com o território intocado pela Grande Guerra, com forças militares espalhadas pelo mundo afora (principalmente na Europa e no Japão) e com seus navios patrulhando as principais

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

vias marítimas do comércio global no imediato pós-guerra, os EUA, por intermédio de Washington DC, foram os incontestáveis arquitetos das instituições mundiais do pós-1945, como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM). Não por acaso, a sede da ONU está em Nova York e as sedes do BM e do FMI em Washington DC, a poucos quarteirões da Casa Branca. A força da gravidade do poder americano se impôs, definitivamente, sobre a localização dessas instituições.

Do ponto de vista da dinâmica econômica urbana e regional, além da vantagem política, a presença dessas instituições internacionais é um enorme estímulo à economia local, porque gera milhares de empregos bem remunerados e se reflete no movimento dos aeroportos, hotéis, restaurantes, museus, imóveis (aluguel e compra), transporte (táxi, metrô) entre outros setores da economia local. Os EUA têm cerca de 16% das cotas do FMI, enquanto o Japão tem 6% e a Alemanha 4%. Os EUA é praticamente o único país capaz de impor veto à liberação de recursos ou autorizar empréstimos pelas instituições. Além da enorme concentração de poder, os EUA lideram e influenciam o grupo de países ricos e credores; além dos mencionados, constam a França, a Inglaterra, o Canadá e a Itália. No Banco Mundial ocorre o mesmo processo.

Nas crises cambiais do México em 1994, da Rússia em 1998, do Brasil em 1998/1999 e da Argentina em 2001, os EUA tiveram papel essencial em conceder e impor condições de empréstimo para esses países. Foram determinantes também na negação, pelo FMI, de empréstimo à Argentina, em 2001, o que levou o país a uma das maiores crises de sua história. As grandes decisões do FMI são tomadas sempre em acordo com as ponderações de três centros de poder em Washington DC: a Casa Branca, o Departamento do Tesouro (*Treasure Department*) e o Banco Central (*Federal Reserve*). Na Agência de Desenvolvimento

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

das Américas, o Banco Inter-Americano (BID), o poder dos EUA é ainda maior do que nas duas instituições globais.

Os prédios do FMI, Banco Mundial e BID, em Washington DC, são jóias da arquitetura. São prédios muito grandes ocupando horizontalmente quase todo o quarteirão, bastante envidraçados e absolutamente imponentes. O Banco Mundial tem uma grande cascata de água no *hall* e, no seu interior, um vão enorme pelo qual entra luz solar. Do lado de fora, os transeuntes não podem imaginar tamanha beleza. A esse respeito é interessante ver a descrição de Stiglitz (2003, p. 23) sobre o Banco Mundial e o FMI:

> On my first day, February 13, 1997, as chief economist and senior vice president of the World Bank, as walked into its gigantic, modern, gleaming main building on 19th Street in Washington, DC, the institution's motto was the first thing that caught my eyes… Across the streets stands another gleaming monument to public wealth, the headquarters of the International Monetary Fund. The marble atrium inside, graced with abundant flora, serves to remind visiting finance ministers from countries around the World that the IMF represents the centers of wealth and power.

O BID é também extraordinário, tem um enorme vão no seu interior, os andares são circulares ao vão o que permite uma belíssima e diferenciada apreciação do prédio por dentro. A beleza arquitetônica desses prédios é diretamente proporcional ao poder econômico e financeiro que abrigam e inversamente proporcional à satisfação com que tem sido visto por povos dos países pobres (ou em desenvolvimento, conforme o caso) com o seu *modus operandis*.

Essas instituições não são democráticas, no sentido de que cada país corresponde a um voto. Elas são regidas pelo sistema de quotas, em que o poder de voto do país é proporcional ao dinheiro com que ele contribui para a instituição. Os países pobres são tomadores de empréstimos (*debtors, borrowers*), enquanto os

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

países ricos são credores (*lenders, creditors*). Os credores usam a liberação ou veto aos empréstimos, de acordo com seus interesses geopolíticos globais e com os interesses de suas grandes multinacionais e bancos.

As crises da dívida externa, nos anos 1980, e dos fluxos de capitais criados pela liberação estimulados por estas agências, nos anos 1990, causaram deterioração econômica e concentração de renda nos países pobres. Se as muitas manifestações feitas contra o FMI e o Banco Mundial convergissem para Washington DC, a cidade-fortaleza entraria em colapso.

O *Council on Foreign Relations* publica a mais influente revista de relações internacionais do mundo, denominada *Foreign Affairs*. O *Woodrow Wilson Center* recebe dinheiro público e privado e mantém programas de estudos voltados para compreender vários países, como Canadá, México, Brasil, regiões da Europa e, mais recentemente, a China, criado em 2008. O *Brookings* é um dos centros mais tradicionais, influentes e financeiramente bem dotados da capital, fundado em 1927. O *Institute for International Economics* (hoje *Peterson Institute*) foi um dos pilares da construção do Consenso de Washington DC, em 1989, que espalhou o neoliberalismo pela América Latina, nos anos 1990. *Já o Inter-American Dialogue*, inteiramente dedicado às relações interamericanas, até 2008, teve o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso no quadro de direção e recebia patrocínio de grandes empresas brasileiras, como a Petrobrás.

As visitas e participação nestes *think tanks* em Washington DC são de extrema importância para entender a política econômica, comercial e de segurança do governo americano. É possível, através dessas visitas, fazer um bom mapeamento do que acontece na Casa Branca, Pentágono, Departamento de Estado (relações exteriores), Secretaria do Tesouro e *Federal Reserve*. A linha é muito tênue entre pesquisa, conhecimento, ideologia, *lobby* e interesse privado das grandes empresas, mas a participação do público, a publicação de livros e relatórios,

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

os debates e os vários documentos e vídeos disponíveis na internet ajudam a cristalizar a democracia, o interesse público e a transparência nessas instituições. É claro que o interesse e a perspectiva americana é o núcleo desses *think tanks*. Com base nisso, muitos estudiosos se ressentem da quase inexistência de *think tanks* brasileiros e de sua não influência no debate público e na elaboração de políticas em Brasília. Os *Think Tanks* têm em seus quadros, além de acadêmicos reconhecidos, ex-funcionários de alto escalão do governo em economia, segurança, política externa como também de corporações transnacionais. Peet (2007, p. 93 - 94) resume o modo de atuação e formação de quadros dos *think tanks*:

> They hire whom day want, allowing the build-up of teams of researchers sharing a similar political orientation. They publish books themselves without going through academic refereeing processes. And they are usually located in Washington, and other capital cities, close to government and the media. Think tanks are funded primarily by corporations and foundations. They supply experts to testify to Congress, write articles for the oped-pages of newspapers, and apper as TV commentators… The policy elite, circulates within a universe composed of think tanks, investment banks, governance institutions, academia and government bureaucracies – especially, in the case of the economic policy elite, the Treasury Department.

Por fim, várias universidades estão instaladas em Washington DC, sendo que as duas maiores e mais tradicionais são Georgetown University e George Washington University. A primeira, por exemplo, tem um centro de estudos latino-americano no seu Instituto de Relações Internacionais e recebe, com frequência, pesquisadores brasileiros.

O FMI, o Banco Mundial, as agências do governo americano, como a USAID e os *think tanks* aceitam muitos alunos das universidades como estagiários. Portanto, milhares de estudantes americanos de todos os estados, bem como muitos estudantes estrangeiros de graduação vão para Washington DC, atraídos

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

pelas oportunidades de estágio (*intership*), além das muitas facilidades, a infraestrutura e qualidade de vida oferecida por Washington DC. Estudantes de Pós-Graduação, principalmente das áreas de relações internacionais, ciências políticas, segurança, diplomacia, economia, administração e direito, vindos de todas as partes do mundo, também procuram a capital americana pela sua posição privilegiada nessas matérias.

Além das excelentes bibliotecas das universidades, a Biblioteca do Congresso, os Arquivos Nacionais, o *Smithsonian Institute* e o *Martin Luther King Center*, entre outros, constituem fontes raras e inesgotáveis de pesquisa.

Considerações Finais

Washington DC teve papel fundamental na desregulamentação bancária nos governos Reagan (1981-1989), Clinton (1993-2001) e Bush II (2001-2008). Essas medidas viraram dogmas sagrados no FMI e Banco Mundial, prescritos para vários países e adotados nos anos 1990. A cidade foi a sede da armação no governo Bush, envolvendo o Pentágono, a Casa Branca e o Departamento de Estado, que levou à desastrosa decisão de invadir o Iraque, em 2003. As consequências econômicas, políticas, militares e diplomáticas da invasão do Iraque ainda são difíceis de prever inteiramente já que o conflito está em processo. A liberalidade bancária resultou, em 2008, na maior crise do capitalismo, desde a década de 1930. Grandes bancos, orgulho do capitalismo global nos EUA e na Europa tiveram que ser socorridos com maciços pacotes de dinheiro público para não decretarem falência e, mesmo assim, a destruição de riquezas e empregos foi enorme.

Nesse quadro de instabilidade, o governo Obama, empossado em 2009, enfrenta problemas em Washington DC para vencer a crise econômica, gerar empregos e enfrentar os conservadores nos EUA, muito bem entrincheirados na

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

mídia, no Congresso e nas ruas. As guerras do Afeganistão e do Iraque também são difíceis de equacionar. O dilema está entre aprofundar o envolvimento no conflito, gastando mais dinheiro e tropas sem que um horizonte favorável possa ser contemplado como, por exemplo, o estabelecimento de democracias como as do ocidente com estado laico; ou retirar-se rapidamente do Afeganistão e do Iraque, deixando caos político no caminho e a possível tomada do governo por radicais; ou ainda manter as tropas atuais, comprometer recursos, vidas de soldados com resultados incertos no horizonte.

A novidade no cenário internacional, nos anos 2000, é a emergência dos BRICS, grupo de países formado por Brasil, Rússia, Índia e China, vistos como atores relevantes nas relações internacionais que estão sendo gestadas no século XXI. Com isso, os perfis das cidades-capitais Brasília, Moscou, Pequim e Nova Déli se fortalecem muito. Foi criado, em 2009, o G-20 em substituição ao decadente G-8, com o objetivo de enfrentar a crise econômica global e dar maior legitimidade ao fórum global de coordenação econômica, incluindo países em desenvolvimento e, ao mesmo tempo, gigantes comerciais, populacionais e em recursos energéticos, como os países anteriormente citados. É fato também que muitas decisões de economia, segurança e aquecimento global têm sido tomadas no âmbito das relações bilaterais Washington DC – Pequim.

O certo é que dificilmente Washington DC deverá usufruir do poder solitário que desfrutou sozinha, como cidade-capital nos anos 1990, imediatamente após o colapso da URSS. Alguns analistas acreditam que a relação entre Pequim e Washington DC, dada a importância fundamental dos dois países, possa evoluir para uma relação típica da bipolaridade EUA *versus* URSS, só que com menos tensão, na medida em que a economia dos dois países está solidamente integrada, com os americanos, de um lado, comprando mercadorias a baixo preço dos chineses e estes, de outro, recebendo investimentos americanos e comprando

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

títulos do tesouro dos EUA. Aliás, os títulos do tesouro americanos em mãos dos chineses já chegam a um trilhão de dólares. É improvável que Pequim se torne uma cidade cosmopolita como o são Washington DC, Nova York ou Londres, pela própria natureza fechada e ditatorial do regime, pois as cidades globais são centros abertos de elaboração, debate e produção de conhecimentos. Os debates nos *think tanks* de Washington DC, por exemplo, estão disponíveis nos websites das instituições.

Obviamente o radar do poder global em Washington DC está atento à emergência de outras cidades-capitais em cenários regionais e globais. Assim, Brasília, Caracas e Teerã devem receber uma atenção crescente de Washington DC por parte de *policymakers*, diplomatas, autoridades e pensadores das relações internacionais ou da geopolítica, este último é o termo de maior preferência.

A América Latina experimentou o gosto amargo das políticas neoliberais nos anos 1990, muito especialmente pelas crises econômicas vividas por México (1994), Brasil (1998) e Argentina (2001). Por outro lado, as relações comerciais da região, em especial da América do Sul com a China, se ampliaram muito, reduzindo a dependência do mercado americano. Todavia, o viés do comércio com a China é o tradicional, ou seja, centra-se no fornecimento de matérias primas e compra de produtos industrializados e recebimento de investimentos. O Brasil, com múltiplas fontes de energia (Etanol, Pré-Sal) e, ao mesmo tempo, gigante do comércio de *commodities* (soja, laranja, cana de açúcar, algodão, carnes diversas), tem procurado integrar economicamente a América do Sul sob sua discreta liderança.

Não deixa de ser uma preocupação, para Washington, DC, a recusa da ALCA – Área de Livre Comércio das Américas - pelos países sul-americanos proposta pelos EUA e negociado por mais de uma década. Em seguida, o início da integração sul-americana, a criação da UNASUL (União das Nações Sul Americanas) sob a liderança do Brasil com os protestos estridentes de Caracas,

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

Bogotá e Quito, contra as políticas e as posições americanas nos fóruns e organismos internacionais, como OEA, BID, FMI e ONU.

Em todas as cidades-capitais pratica-se geopolítica. Essa observação fornece os fundamentos, as bases para as reflexões em relações internacionais. Assim, o pensamento estratégico precisa se orientar sob os fundamentos geopolíticos da presença e do lugar do país no mundo, em conexão dinâmica com as conjunturas de curto e médio prazo (relações internacionais), isto é, com as flutuações de poder econômico e militar que se apresentam na superfície. Os geógrafos preocupados com a geopolítica (o poder entre os Estados-nações) e a geografia política (o poder dos cidadãos dentro de cada estado – democracia, transparência, controle público) encontrarão em Washington DC um campo privilegiado de observação das mutações do poder global.

Referências

Impact Photography, **Washington, DC**, 2008.

PEET, R. **Geography of power**: making global economic policy. London - New York: Zed Books, 2007.

STIGLITZ. J. E. **Globalization and its discontents**. New York: Norton, 2003.

VESENTINI J. W. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Ática, 1987.

ZAKARIA, F. **The post-american world.** Nova York, Norton & Company, 2008.

Werner, J. B. **Washington DC souvenir book**, Washington: LB Prince, 1997.

YOUTUBE. **A tour of the White House with Mr John F. Kennedy (part 1).** Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=JPQFD8uMHIY> Acesso em 01 dezembro 2009.

YOUTUBE. **Barack Obama:** speech at the Lincoln Memorial 1-18-09 Pre Inauguration. Disponível em:

ISSN: 1519-7816 vol. 12 nº 2 jul/dez. 2010 páginas: 102 - 127

http://www.youtube.com/results?search_query=%22Barack+Obama%3A+Speech at+the+Lincoln+Memorial+1-18-09+Pre+Inauguration%22&aq=f>. Acesso em 01 dezembro 2009.

YOUTUBE. **Korean war memorial.** Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3loDnRmY2jk> Acesso em 01 dezembro 2009>

YOUTUBE. **Martin Luther King:** "I have a dream". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=PbUtL_0vAJk>. Acesso em 01 dezembro 2009.

YOUTUBE. **National air and space museum -** Udvar-Hazy Center - Teacher Orientation Video**.** Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yOaI8giKTuQ> Acesso em 01 dezembro 2009.

YOUTUBE. **Washington DC - through my eyes/by:** Hisham Ibrahim-PhotoV.com. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MTFyTwAc0s0>
Acesso em 01 dezembro 2009.

YOUTUBE. **Washington DC:** an inspiring tour dvd**.** Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ovlYtZVKfMU>. Acesso em 01 dezembro 2009.

YOUTUBE. **Washington, D.C.** Works Washington, D.C City Guide. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KrLqrFNC4hs>. Acesso em 01 dezembro 2009.

YOUTUBE. **World War II Memorial:** audiovisual tour. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=rXjyxjjnje8>. Acesso em 01 dezembro 2009.